

É possível compreender que muitos dos conflitos em nossas casas são gerados por estados de espírito trazidos de fora.

Podemos encarar esta quarentena como uma oportunidade para limpar e purificar os ambientes que habitamos, externamente e em nosso lar, e, mais especialmente, dentro das nossas próprias consciências, mantendo a mente focada em metas elevadas e sobretudo no altruísmo.

Carlos escreveu:

“Uma boa moradia pode ser construída - nos planos sutis - como uma ponte para o alto. A sua atmosfera refletirá o estado do santuário que há no coração dos seus moradores. Os membros de um casal são as duas principais colunas - yin e yang - do templo da moradia.” [1]

(Juan Pedro Bercial)

NOTA:

[1] Do artigo “[Transformar Uma Casa Num Templo](#)”.

000

Clique para ver outros artigos de [Juan Pedro Bercial](#).

000

Leia mais:

* “[A Imitação de Cristo](#)”

* “[Marxismo Não Promove o Crime](#)”

* “[Rompendo a Manipulação Mental](#)”

* “[Democracia Exige Respeito à Lei](#)”

* “[Fontes Orientais da Sabedoria Cristã](#)”

* “[A Guerra Mundial em Nossas Mentes](#)”

* “[A Chave da Teosofia](#)” (o livro clássico de Blavatsky)

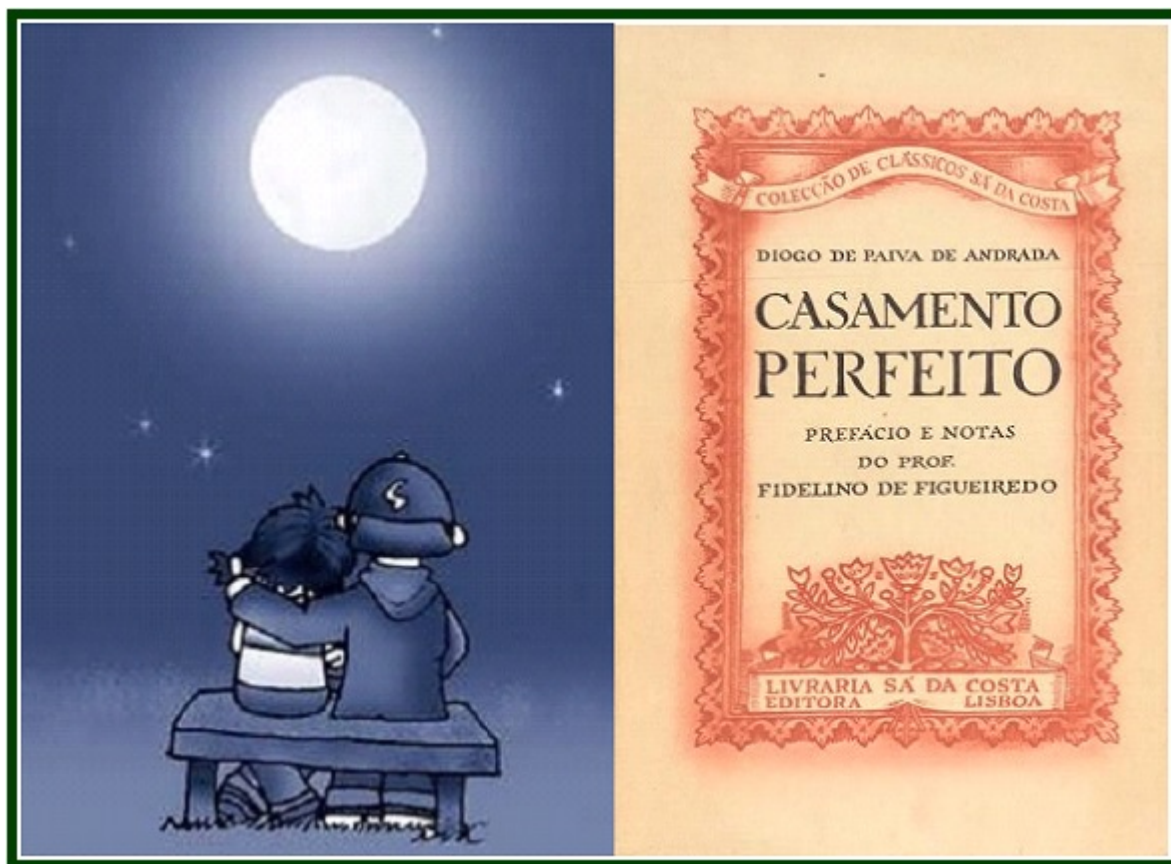
* “[As Cinco Dimensões do Amor](#)” * “[A Força Invencível do Amor](#)”

* “[A Personalidade Neurótica do Nosso Tempo](#)” (livro de Karen Horney)

* Senado Notícias: [Mourão afirma que Maçonaria Quer um Brasil Fraternal e Livre](#)

000

A Moderação no Afeto



A primeira edição do livro “Casamento Perfeito” ocorreu no século 17

...**P**osto que o muito amor é tão necessário, e a falta dele tão arriscada entre os casados, convém contudo, que não seja ele com tanto excesso, que exceda as leis de Deus [1], e as da razão: porque se o for, como o amor grande tem por ofício transformar-se todo nos gostos, e desejos da coisa amada, sem ter operação certa, nem vontade própria, se qualquer deles se deixa levar de alguma paixão mal ordenada, logo o outro se levará da mesma, e de comum consentimento virão a dar em algum pecado, ou desconcerto aqueles mesmos corações, que Deus [2] uniu em amor para se conformarem em seu serviço, e a razão em primor para conservarem o bom governo de sua família.

Há de se evitar de todo o ponto este perigo, que não dá de si menos desastres dos que [vemos] no pouco amor: e para isto é muito importante, que cada um dos casados, que se querem muito, tragam sempre os olhos, e pensamentos, no que pede a razão, e a vontade divina; porque como o amor os faz conformar em um só desejo, e daí em quaisquer bons, ou ruins efeitos, quando ambos se inclinarem para o bem, nunca podem deixar de ser virtuosas todas suas obras, e ambas se empregam no que é justo, esse amor, que com as vontades viciadas os arrebatava para o vício, com as mesmas bem ordenadas os fortifica na virtude.

(Diogo de Paiva de Andrada)

NOTAS DE 2020:

[1] *Lei de Deus*, isto é, a lei universal, a lei do equilíbrio. (CCA)

[2] *Deus*, ou seja, a lei divina, a lei natural, a lei do equilíbrio e da unidade. (CCA)

[Do livro “Casamento Perfeito”, de Diogo de Paiva de Andrada. A obra foi reeditada no século vinte pela Livraria Sá da Costa, Lisboa, em 1944, com 206 páginas, ver pp. 18-19. A ortografia foi atualizada.]

000

Diogo de Paiva de Andrada, sobrinho do teólogo do mesmo nome, nasceu em 1576 e morreu em 1660.

000

A Força Lúcida do Amor à Vida



Bom senso é indispensável.

Quando o dinheiro e as máquinas são tratados como bens supremos, os mais enlouquecidos propõem abertamente o desprezo pela vida. Atenção é necessária, porque nenhum país está inteiramente livre desta catástrofe. Erich Fromm escreveu:

“O lema do fascismo espanhol, ‘Viva a Morte!’, ameaça tornar-se o princípio secreto de uma sociedade em que a dominação da natureza pela máquina constitui o próprio significado do progresso, e em que a pessoa viva se torna um apêndice da máquina”. [1]

A Espanha venceu o fascismo, uma pandemia das almas que propõe um culto à violência e à destruição. Graças à lei do carma, em pouco tempo todo fascismo destrói a si mesmo.

Apesar das falhas humanas, os povos lusófonos e ibéricos amam as forças vitais e construtivas do universo. A teosofia é uma filosofia do amor à vida. Cada vez que algum líder

desinformado vai contra a Lei universal do Respeito, amadurecem as condições para que mais uma lição histórica seja aprendida. A sabedoria vence. Não há coisa alguma fora da lei no universo.

NOTA:

[1] Veja a nota editorial inicial do artigo “[Carl Jung, a Ética e a Psicologia](#)”.

000

Desafios Que o Brasil Vencerá: **Dupla Personalidade, Ilusão e Autoritarismo na Vida Pública**



O Corcovado, no Rio de Janeiro. Os ensinamentos de Jesus, se encarados de modo sensato, inspiram o melhor e o mais nobre na alma e na cultura de todos os povos.

Publicado em maio de 2020, o vídeo “[O Maior Traidor do Bolsonaro](#)” aborda um tema complexo, que merece estudo e análise feitos desde um ângulo impessoal. Nele um personagem humorístico que representa Jair Bolsonaro olha para si mesmo no espelho, começa a dialogar e vê na sua própria imagem um perigoso inimigo a ser combatido.

O conflito psicológico abordado ficcionalmente no vídeo não é assunto para encarar apenas como humor, ou no plano das personalidades. Tampouco se trata de escolher alguém como bode expiatório ou objeto de ódio.

O vídeo feito por [André Guedes](#) vai além da situação brasileira de 2020. Descreve com eficiência o processo esquizoide da ambivalência emocional, assunto que está mais ou menos

em pauta em todos os processos aparentados ao nazismo, e que também ameaça a vida de mais de uma família ao redor do mundo.

A natureza humana é contraditória e com frequência paradoxal. Os dilemas da alma precisam ser observados com calma, para que se aprenda a lição do autoconhecimento e da integração de cada um consigo mesmo.

Recomendamos, a quem tenha interesse em aprofundar a questão do “eu desintegrado”, a leitura da obra **“Nosologia Psiquiátrica”**, de Iracy Doyle. [1]

Em relação à vida pública brasileira, será útil o artigo “Pandemônio”, de Miguel Reale Jr., publicado em “O Estado de S. Paulo” dia 02 de maio de 2020. Grande jurista, Reale propõe, no texto, uma abordagem psiquiátrica e técnica da conduta do político que foi eleito presidente do Brasil em 2018. Já anteriormente Miguel Reale havia questionado a condição psicológica daquele que alguns admiradores chamam de “mito”, e chegara ao ponto de sugerir que uma junta médica [avaliasse a sua sanidade mental](#).

No livro de Iracy Doyle, às pp. 195-196, o leitor encontra uma alusão ao problema - sem dúvida complexo - dos esquizofrênicos que cometem atos ilegais. A relação entre psicoses e crimes é também abordada por Gilberto Freyre em seu livro clássico “Interpretação do Brasil”. [2]

Freyre menciona o problema luso-brasileiro e hispânico da **“dupla-personalidade do Dr. Jeckyll-Mr. Hyde, que muito psicólogo tem estudado em certos indivíduos e muito sociólogo tem observado em certos grupos”**. (p. 44)

A história da dupla personalidade do Dr. Jeckyll, cujo “outro eu” se chamava “Mr. Hyde”, é narrada no livro clássico **“O Médico e o Monstro”**, de Robert Louis Stevenson.

Quando estava na personalidade de Dr. Jeckyll, o médico, o personagem central do romance de R. L. Stevenson parecia um cidadão benéfico. Quando estava em sua “outra personalidade”, porém, era um assassino monstruoso. O contraste corresponde em termos gerais aos casos mais graves do que a psiquiatria chama de **esquizofrenia**.

Nos Escritos Reunidos de Helena P. Blavatsky [3], vemos que a fundadora do movimento teosófico cita **“O Médico e o Monstro”** como um exemplo e um modelo de romance teosófico e místico.

Fiódor Dostoievsky abordou o assunto da dupla personalidade na sua obra intitulada **“O Duplo”**.

Merece destaque o fato de que o problema, segundo Gilberto Freyre, não é só individual, mas também coletivo. Multidões inteiras podem ser levadas a comportamentos psicologicamente desequilibrados. O desafio ocorre potencialmente e em maior ou menor grau em todos os setores políticos, de esquerda e de direita. Em **“Nosologia Psiquiátrica”** Iracy Doyle deixa claro que não há fronteiras nitidamente estabelecidas entre uma pessoa normal e uma pessoa esquizofrênica. O próprio conceito de normalidade está sujeito a discussão.

É evidente que o tema das ilusões e alucinações coletivas tem importância tanto em psicologia como em teosofia. Há algo de profundamente esquizofrênico em um cristianismo autoritário

que, de um lado, adora Jesus, cujo ensinamento é radicalmente não-violento; e de outro lado matou na tortura milhares de pessoas, queimou-as em praça pública durante séculos na Inquisição, e tem abençoado inúmeras guerras e massacres entre diferentes países cristãos.

Se fosse aplicado ao cristianismo, o romance de R. L. Stevenson poderia assumir o título de **“O Sacerdote e o Monstro”**. O seu personagem central seria um religioso devoto, de dia, e um assassino furioso à noite. O dia representa o consciente; a noite representa o inconsciente.

Se fosse colocado no contexto político, **“O Médico e o Monstro”** poderia ser intitulado **“O Líder Populista e o Monstro”**. Por outro lado, um líder populista - de esquerda ou de direita - pode também ser perigosamente adorado como um santo messiânico. O fato está demonstrado no Brasil.

O fundador da psicanálise, Sigmund Freud, abordou com lucidez o processo das ilusões socialmente organizadas. [4]

O desafio esquizoide representado pelos fanatismos do tipo neonazista não é, pois, um problema que deva ser ignorado em filosofia esotérica.

O movimento teosófico é intrinsecamente democrático no sentido de que seu principal objetivo é a fraternidade de todos os seres. No entanto, o movimento está sujeito a ilusões e no campo da sociologia - o âmbito do carma coletivo - tem um carma a curar e resgatar na questão nazista e no problema dos autoritarismos históricos. O assunto é constrangedor para os membros da Sociedade de Adyar.

Há um texto, presente no acervo dos websites associados, que vincula as ilusões de Annie Besant e Charles Leadbeater diretamente às origens do fascismo e do nazismo: **“O Racismo em Nome da Teosofia”**. Além disso, existe o desprezo de pelo menos um pseudoclarividente pela vida humana, que é examinado no artigo **“Leadbeater Diz Que Matou Brasileiros”**.

Naturalmente, o movimento teosófico como um todo fica no campo da política democrática, conforme demonstrado em **“A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial”**.

O mesmo artigo demonstra, na sua parte intitulada **“Como o Vaticano Deu Apoio a Adolf Hitler”**, que as estruturas de controle do poder na Alemanha nazista foram criadas **segundo o modelo organizativo dos Jesuítas**, que exercem um papel decisivo no Vaticano. Nada é por acaso.

Os ensinamentos de Jesus, se encarados de modo sensato, inspiram o melhor e o mais nobre na alma e na cultura de todos os povos. Por outro lado, o desprezo pela vida e o amor à violência definem o nazismo, o fascismo e as correntes políticas históricas em geral. O fenômeno inclui o sadismo dos psicopatas. Deste último temos um exemplo no pervertido elogio em público da prática de torturas a presos políticos, glorificada recentemente no Brasil por alguns desequilibrados.

Onde quer que haja desprezo pela vida, abre-se espaço para a violência, mental, emocional, e física.

Os cidadãos de boa vontade têm a ganhar se investigarem o processo psicológico do neofascismo de esquerda, assim como do neofascismo de direita. Cabe olhar para o assunto desde o ponto de vista do respeito pela paz e da filosofia clássica, levando em conta o que dizem tanto a psiquiatria como a psicologia ética.

A filosofia esotérica não fecha os olhos à vida diária dos povos: ao contrário. Ela procura explicar os fatos cotidianos desde o ponto de vista da sabedoria imortal. Num artigo sobre a necessidade de permanecer livre de rancores sistemáticos, foi incluída uma constatação básica:

“A teosofia que não olha e não enxerga os grandes desafios sociais não é teosofia, mas um discurso vazio. Teosofia é respeito pela vida de todos, e é um sentimento ativo e criativo de compaixão e solidariedade.” [5]

Nesta área de estudos esotéricos, cabe levar em conta os artigos “[A Política da Histeria](#)” e “[O Poder Filosófico da Democracia](#)”.

Blavatsky Alertou Sobre o Hipnotismo Político

Na biografia de Helena P. Blavatsky escrita por Sylvia Cranston, vemos que HPB afirmou, em conversa em Londres com o teosofista Charles Johnston:

“...E guarde bem as minhas palavras! (...) Países inteiros cairão sem perceber na magia negra[6], com boas intenções, sem dúvida, mas preparando o caminho para o inferno, mesmo assim! Você não vê o mal tremendo do culto ao hipnotismo? O hipnotismo e a sugestão são poderes grandes e perigosos, exatamente porque a vítima nunca sabe quando está sujeita a eles; sua vontade é roubada. Essas coisas podem começar com objetivos bons e propósitos corretos. Mas sou uma mulher velha e já vi muito da vida humana em muitos países, e gostaria imensamente de poder acreditar que esses poderes serão utilizados apenas para o bem! Se você pudesse prever o que eu prevejo, você começaria, de corpo e alma, a difundir o ensinamento da fraternidade universal. Ele é a única garantia!”

“Mas como a fraternidade universal pode defender as pessoas do hipnotismo?”, perguntou Johnston.

“Pela purificação dos corações das pessoas que fariam mau uso dele”, respondeu Blavatsky. “E a fraternidade universal tem como base a alma comum. É porque há uma alma comum a todos os homens que a fraternidade, ou mesmo uma compreensão comum, é possível. Se fizermos os homens apoiarem-se sobre esta base, eles serão salvos. Há um poder divino em cada homem, que rege a sua vida e que ninguém pode influenciar para o mal - nem mesmo o maior mago. Que os homens coloquem as suas vidas sob essa orientação e não terão nada a temer de homem algum nem do demônio.” [7]

Os fanatismos, sejam políticos ou religiosos, geram ódio e destruição.

O Brasil já enfrentou o problema em vários níveis, tanto com roupagens de direita como de esquerda. No campo que se intitula “popular e progressista”, o stalinismo oferece um exemplo histórico internacional tão grave quanto o do nazismo, embora mais complexo, conforme denunciou Nikita Krushev quando era líder da Rússia socialista.

Compreender a lei da fraternidade universal significa trabalhar em harmonia com os princípios da democracia, do respeito e da ajuda mútua. Avançando neste rumo, enfraquecemos a possibilidade de que medos e ódios fabricados artificialmente sejam usados por alguém como trampolim para chegar ao poder, e, depois, como meio de manter-se nele.

O instrumento eficiente para derrotar a política do ódio não consiste em odiar os que odeiam. Nesta armadilha são muitos os que caem. Na verdade, o rancor não elimina o rancor. O ódio é eliminado pela ação solidária. O Dhammapada deixa isso claro.

Qual é a chave para evitar a frustração profunda, que gera o ódio?

A chave está em cada cidadão ser confiável. A vacina do ódio está em cada um confiar nos outros com discernimento. Em produzir-se coletivamente com a força possível o fenômeno vitorioso da ajuda mútua. Ao mesmo tempo, uma coisa é clara: a lei deve ser aplicada aos que pregam o ódio, desrespeitam a Constituição ou pretendem destruir a democracia possível.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTAS:

[1] “Nosologia Psiquiátrica”, Iracy Doyle, Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1961, 618 pp.

[2] Veja as páginas 43-44 da edição de 1947 da obra “Interpretação do Brasil”, publicada pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro e São Paulo.

[3] “Collected Writings” de H.P. Blavatsky, TPH, EUA, volume VIII, p. 99.

[4] Veja a respeito “[A Psicanálise das Religiões](#)”.

[5] Leia “[Como Abandonar a Prática do Rancor](#)”.

[6] Hitler e outros líderes nazistas parecem ter usado técnicas de bruxaria ou magia antievolutiva, que é inimiga da humanidade e só produz destruição. A lavagem cerebral hipnótica era uma prática comum na Alemanha, quando o nazismo dominava o país. Algo semelhante ocorreu na Itália com Benito Mussolini. Desde a segunda guerra mundial não têm faltado imitadores do nazi-fascismo que aplicam técnicas hipnóticas em propaganda política.

[7] Do artigo “[Um Encontro com HPB](#)”, de Sylvia [Cranston](#). Ver também as páginas 102 a 108 do volume VIII de “Collected Writings” de HPB.

000

Sobre as causas da doença que é o rancor socialmente organizado, veja o texto “[Olhando Para as Fontes da Violência](#)”, de Enrique Pichon Rivière e Ana Pampliega de Quiroga.

000

Examine a nota “[Uma Pergunta Sobre Conflitos Psicológicos](#)”, na página 21 desta edição.

000

Leia o artigo “[O Globalismo e a Fraternidade](#)”.

000

Um Poema de Gilberto Freyre: **O Outro Brasil Que Vem Aí**



Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
de outro Brasil que vem aí
mais tropical
mais fraternal
mais brasileiro.
O mapa desse Brasil em vez das cores dos Estados
terá as cores das produções e dos trabalhos.
Os homens desse Brasil em vez das cores das três raças
terão as cores das profissões e das regiões.
As mulheres do Brasil em vez das cores boreais
terão as cores variamente tropicais.
Todo brasileiro poderá dizer: é assim que eu quero o Brasil,
todo brasileiro e não apenas o bacharel ou o doutor
o preto, o pardo, o roxo e não apenas o branco e o semibranco.
Qualquer brasileiro poderá governar esse Brasil
lenhador
lavrador
pescador
vaqueiro
marinheiro
funileiro
carpinteiro
contanto que seja digno do governo do Brasil
que tenha olhos para ver pelo Brasil,

ouvidos para ouvir pelo Brasil
coragem de morrer pelo Brasil
ânimo de viver pelo Brasil
mãos para agir pelo Brasil
mãos de escultor que saibam lidar com o barro forte e novo dos Brasis
mãos de engenheiro que lidem com inglesias e tratores europeus e norte-americanos a serviço do Brasil
mãos sem anéis (que os anéis não deixam o homem criar nem trabalhar)
mãos livres
mãos criadoras
mãos fraternais de todas as cores
mãos desiguais que trabalham por um Brasil sem Azeredos,
sem Irineus
sem Maurícios de Lacerda.
Sem mãos de jogadores
nem de especuladores nem de mistificadores.
Mãos todas de trabalhadores,
pretas, brancas, pardas, roxas, morenas,
de artistas
de escritores
de operários
de lavradores
de pastores
de mães criando filhos
de pais ensinando meninos
de padres benzendo afilhados
de mestres guiando aprendizes
de irmãos ajudando irmãos mais moços
de lavadeiras lavando
de pedreiros edificando
de doutores curando
de cozinheiras cozinhando
de vaqueiros tirando leite de vacas chamadas comadres dos homens.
Mãos brasileiras
brancas, morenas, pretas, pardas, roxas
tropicais
sindicais
fraternais.
Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
desse Brasil que vem aí.

(Gilberto Freyre)

000

O poema “O Outro Brasil Que Vem Aí” é reproduzido do livro “**Poesia Reunida**”, de Gilberto Freyre, Edições Pirata, Recife, 1980, 107 pp., ver pp. 15-17.

000

Aprendendo a Aceitar a Felicidade



O Dhammapada recomenda que estejamos livres de angústia e felizes entre os que estão consumidos pela preocupação:

“Entre os ansiosos, que nós vivamos livres da ansiedade.” [1]

É mais fácil ler este ensinamento do que vivê-lo. É difícil aceitar ou mesmo tolerar o contentamento durável e verdadeiro enquanto se está apegado à ignorância.

O boicote ao bem-estar interior ocorre de modo espontâneo. Diante da primeira visão da planta frágil da felicidade, recém-nascida, o desinformado a trata com se fosse um pinheiro de 20 anos de idade. Joga todo o seu peso sobre ela, e sem querer a esmaga. Ou talvez a arranque do solo nutritivo da realidade para mostrá-la com orgulho aos outros, fazendo com que o contentamento morra e seja substituído por um faz-de-conta no mundo das aparências.

O homem sensato age de modo diferente.

Ao ver a felicidade em sua vida, ele evita fazer qualquer agitação. Ele abre silenciosamente espaço para ela. Ele a contempla com calma, deixando que cresça lentamente e construa raízes enquanto dialoga com a luz do Sol.

O peregrino bem informado compreende a felicidade e a aceita em sua dimensão humilde e pequena, porque natural. Ele trata de fortalecer as Causas da felicidade. Não exige dela coisa alguma.

O contentamento existe de modo durável ao lado da renúncia e do sacrifício. Ele desaparece quase instantaneamente na presença da autopiedade, uma fonte eterna de lamúrias. Ele não resiste ao jogo tenso da expectativa neurótica, que tudo manipula para alcançar metas egocêntricas.

A felicidade interior resulta de certas condições atmosféricas da alma. Ela é a voz da consciência e a voz do amanhecer. É um vento suave fazendo as folhas dos eucaliptos murmurarem sobre o sentimento de paz. É como uma criança pequena que dorme sob minha proteção. Como um animal amigo que olha confiante para seu protetor. Ocorre quando lemos a obra escrita de um irmão de caminhada que viveu muitos séculos atrás.

A todo momento germinam pequenas sementes de felicidade. Está ao alcance do peregrino deixá-las em paz. É possível nutri-las com um olhar de reconhecimento, sem fazer exigências, mas agradecendo pela existência cíclica do bem-estar - que sempre volta.

NOTA:

[1] “[O Dhammapada](#)”, edição completa em nossos websites associados, capítulo 15, “A Felicidade”, versos 1-3.

000

Ideias ao Longo do Caminho Abrindo Espaço Para a Cooperação



* É normal que em tempo de crise surjam aventureiros políticos, e que eles se aproveitem dos sentimentos de frustração do povo para produzir ódio e destruição. Se quiserem aprender alguma coisa, os eventuais imitadores de Adolf Hitler podem fazer uma viagem no tempo e pesquisar sobre a paisagem urbana na capital da Alemanha nazista em maio de 1945. Restavam poucos prédios em pé.

* A autodestruição é o futuro das transformações políticas promovidas por psicopatas que desrespeitam a vida. Vale a pena evitar este caminho defendendo o bom senso, a democracia, a qualidade de vida da população e o equilíbrio do meio ambiente natural.

A Paz-Ciência do Povo

* Um país democrático pode ter grande paciência com líderes eleitos, incluindo governantes que se revelam doidos, corruptos e autoritários. Porém a paciência tem limite. O Carma demora a amadurecer, mas amadurece. A democracia é consenso entre as pessoas que dispõem de um mínimo de equilíbrio e bom senso.

* Toda democracia é imperfeita, porque deve refletir inevitavelmente as imperfeições dos seus cidadãos. Na medida em que as pessoas melhorem a si próprias e aumentem a sua força moral, a democracia irá melhorar.

* Uma questão a colocar no século 21 é a seguinte: “Quais escolas de pensamento político, de esquerda ou direita, já perceberam que a qualidade da democracia não depende da quantidade de reclamações e exigências, mas sim da educação moral do povo e de quem pretende liderar o povo?”

* Vale a pena examinar o sentimento ilusório segundo o qual, para conseguir a paz interior, será necessário antes “obter isso e aquilo”.

* A aceitação do silêncio e da bênção não é sempre fácil, porque precisa ser incondicional. Quantas desculpas são usadas, subconscientemente, como motivo para postergar a todo momento a calma serenidade que abre espaço para um discernimento profundo e amplo?

O Segredo da Paz Interior

* O segredo da paz interior está na diferença entre paz e marasmo. A suposta harmonia que decorre da falta de coragem de enfrentar os fatos só torna mais amargo e perigoso o conflito que cedo ou tarde virá.

* O marasmo evita os problemas de imediato, deixando que eles se tornem piores e inevitáveis amanhã. Assim se gera um pântano cármico que alimenta o rancor. De outro lado, uma franqueza dura mas bem-intencionada esclarece a situação e produz compreensão mútua. Deste modo abre-se espaço para o respeito e a cooperação.

000

GOB: a Escolha da Maçonaria

Há pelo menos várias décadas a maçonaria do Grande Oriente do Brasil (GOB) tem tido uma postura de respeito pela Constituição e pela [ordem democrática no país](#).

A filosofia maçônica é humanista. Ela é essencialmente contrária ao nazismo, ao fascismo e a outras ideologias totalitárias. Porém, nada que é humano dispõe de garantias eternas.

A vigilância é necessária sempre. Em 2020, escolhas firmes talvez precisem ser tomadas para que a filosofia maçônica seja preservada e se mantenha como uma fonte viva de *respeito pela vida* no Brasil.

000

Os Guardiões de um Propósito



Segundo alguns, as lojas teosóficas que colocam a *busca da verdade* acima das suas metas materiais estão entre os verdadeiros encarregados de preservar a sabedoria eterna.

As bibliotecas e websites destas associações são considerados instrumentos valiosos para a construção de esquemas conceituais e referenciais que otimizem a evolução humana. É preciso levar em conta, no entanto, que a qualidade da *busca da verdade* feita por alguém depende da qualidade do seu propósito.

Para que é que a pessoa deseja a verdade?

Quem busca a verdade para obter o aplauso dos outros está condenado à ignorância espiritual. O conhecimento que leva a vantagens pessoais não é o verdadeiro conhecimento. O real conhecimento não produz qualquer vantagem de curto prazo.

Os encarregados de preservar a sabedoria eterna devem defender em primeiro lugar uma Intenção. Precisam aprimorar um certo Nível de Propósito, um desejo não-contaminado de ser útil a todos os seres, para o qual é necessário um determinado Conhecimento.

O propósito define o conhecimento que pode ser obtido.

Mateus, 7:7, afirma:

“Pede, e te será dado; busca, e encontrarás; bate à porta, e a porta será aberta.”

Mas se subconscientemente o indivíduo bate à porta do Conhecimento com a intenção de ser visto como melhor ou mais sábio que outros, este próprio fato muda toda a natureza da porta em que ele está batendo. A distorção faz com que a porta se transforme na porta errada; ele passa a bater em um portal de onde só sai o tipo falso de conhecimento.

Uma loja teosófica está encarregada de preservar um Propósito, acima de tudo. O seu Esforço durável, feito na direção correta, permite obter um Conhecimento correspondente, cujos instrumentos externos incluem livros valiosos - físicos ou não.

A energia da Meta atrairá amigos e pessoas interessadas em partilhar criativamente o trabalho.

O processo de fazer o melhor que se pode torna possível obter as ferramentas adequadas e abre caminho para o cumprimento do dever. Uma silenciosa bênção interior costuma acontecer ao mesmo tempo.

000

Anotações Sobre o Carma

Observando Como

Age a Lei do Equilíbrio

Um estudante de filosofia esotérica deve ser honesto em todos os aspectos da vida. Este princípio básico inclui as questões que envolvem poder, liderança e ‘influência pessoal’.

Os mecanismos de egoísmo subconsciente estão sujeitos à lei do Carma. Eles devem ser identificados e neutralizados à medida que o peregrino avança pelo caminho do Conhecimento. O teosofista tem o dever de jamais sugerir de maneira sutil que possui um acesso a fontes de informação “exclusivas” ou “especiais”. Este tipo de insinuação constitui um truque desonesto para induzir pessoas a crença cega.

A ilusão do “status” pessoal deve ser evitada. Qualquer estudante de filosofia que tente apresentar-se como um sábio estará causando problemas ao seu próprio Antahkarana. O orgulho e a vaidade, por mais disfarçados que sejam, impedem o funcionamento da *ponte para o eu superior*. Os sentimentos opostos do desânimo e da depressão têm o mesmo resultado. O bom funcionamento de Antahkarana anda junto com um sentido impessoal de equilíbrio e estabilidade.

Um verdadeiro instrutor espiritual não exagera a importância dos poderes de percepção obtidos pelos Iniciados. Ele destaca, isso sim, as imensas possibilidades que cada peregrino tem na medida em que fizer uma tentativa honesta de aprender por mérito próprio.

[Clique para continuar a ler](#)
[“Anotações Sobre o Carma”](#)

000

Sobre a influência da Maçonaria no Brasil, leia “**[A História Secreta da Independência](#)**”.

000

Paracelso e o Neoplatonismo



Medalha de bronze em homenagem a Paracelso, feita em Portugal (frente e verso).

Embora compartilhando as ilusões materialistas do seu tempo, a edição de 1967 da Enciclopédia Britânica faz algumas afirmações corretas no verbete sobre Paracelso.

O pioneiro da Medicina nasceu em 1490 ou 1493, e viveu até o dia 24 de setembro de 1541.

Fundamentalmente, diz a Enciclopédia, o sistema de Paracelso “tem como base uma filosofia neoplatônica visionária na qual a vida do ser humano é considerada inseparável da vida do universo”. [1]

Neoplatonismo é, em grande parte, um sinônimo de Teosofia.

A edição de 1967 da Britânica diz que segundo Paracelso a vida é “basicamente um composto de ‘sal’, ‘enxofre’, e de ‘mercúrio’, e a separação destes elementos místicos no ser humano constitui a causa das doenças.”

A enfermidade surge “devido à falha de Archeus, uma força vital oculta situada no estômago, ao não poder cumprir sua função de separar o que é útil do que é venenoso”.

Um dos homens mais influentes em ciência durante a Renascença, talvez o principal pioneiro da medicina moderna, Paracelso, o Grande, foi tratado por seus contemporâneos como um charlatão.

Ele compartilhou, portanto, o bom mas desagradável Carma de outros amigos sábios da Humanidade que nasceram como ele para curar as almas e reduzir o sofrimento. A vida e os escritos de Paracelso são temas inspiradores para o estudo e a pesquisa dos estudantes de filosofia esotérica.

NOTA:

[1] “Encyclopaedia Britannica”, William Brenton, Publisher, Chicago, London, Toronto, 1967 edition, Volume 17, p. 300.

000

Veja também o artigo “[Paracelso e o Livro da Natureza](#)”.

000

A Filosofia Esotérica e o Amor Pelo Nosso País



Estátua de Blavatsky, feita por Alexey Leonov, da Ucrânia

Com o avanço das comunicações eletrônicas, a partir do final dos anos 1990, criou-se a impressão, em certos meios, de que os estados nacionais deveriam desaparecer o antes possível.

Um determinado número de teosofistas, assim como outros cidadãos, passaram a ver o globalismo como algo muito positivo, e o nacionalismo como uma ideologia retrógrada a ser abandonada em nome da fraternidade universal.

Em seguida se viu que o globalismo tal como está colocado na agenda humana hoje é amplamente controlado pelo grande capital financeiro especulativo, aliado de atividades ilegais, protegendo o dinheiro de paraísos fiscais e diversos tipos de atividades ilegítimas.

Esta forma de globalismo faz ataques especulativos contra países. Sua legitimidade ética e mesmo econômica é questionável. Seus procedimentos financeiros atropelam a soberania dos estados passando por cima de governos eleitos.

A teosofia valoriza as nações e a sua independência. Ela não apoia o globalismo a qualquer preço, e tampouco vê fraternidade, nem sabedoria, no ato de desprezar os estados nacionais.

As nações não podem ser canceladas artificialmente, porque elas organizam o carma dinâmico dos povos. Os estados dão forma às nações, e assim estruturam um carma coletivo saudável, um processo de aprendizagem de almas que precisa ter uma forma concreta no mundo.

A fraternidade universal constitui uma lei, e funciona em círculos concêntricos. Tendo uma visão positiva do nosso país, podemos compreender melhor o planeta em que vivemos.

É preciso amar o seu país para amar a humanidade. E vice-versa. O amor ao seu povo leva a ser amigo de todas nações. A boa vontade em relação ao planeta inteiro permite ser um melhor amigo da sua comunidade.

O respeito à soberania das nações estimula a ajuda mútua nas relações internacionais. O nacionalismo saudável anda ao lado da admiração e do respeito pelos outros povos. Quem ama o seu país sabe que a colaboração entre todas as nações é indispensável.

Assim, no mundo lusófono e desde uma perspectiva teosófica, o nacionalismo angolano deve ser bem-vindo, se for um sentimento sensato; assim como os nacionalismos timorense, moçambicano, português, cabo-verdiano, brasileiro e dos outros países que compartilham o idioma.

Em qualquer lugar do mundo, nacionalismo não é sinônimo de xenofobia, portanto; assim como internacionalismo não é sinônimo de fraternidade. O sentimento nacional é um sentimento comunitário e fraterno que se harmoniza com a vivência da colaboração entre todos os povos e com a prática da fraternidade universal. Este equilíbrio entre o todo e as partes é precisamente o ideal da Organização das Nações Unidas. É uma ideia correta, realista, e indispensável.

A construção de um país soberano e solidário faz parte da construção da fraternidade planetária. No século 19, o romance utópico “Daqui a Cem Anos - Revendo o Futuro”, de Edward Bellamy [1], descreve um mundo ideal baseado na cooperação entre as pessoas. Com um sucesso de público extraordinário, a obra deu lugar a um movimento nacionalista nos Estados Unidos. Em “A Chave da Teosofia”, livro estruturado na forma de diálogo, Helena Blavatsky escreve:

“Você não ouviu falar dos clubes e do partido nacionalista que surgiram na América [do Norte] depois da publicação do livro de Bellamy? Vão ganhando terreno cada dia e com o tempo irão ganhando muito mais. Esses clubes e esse partido foram criados no princípio por teósofos. Um dos primeiros, o Clube Nacionalista de Boston (Massachusetts), tem teósofos como presidente, secretário e a maioria do conselho executivo. Na constituição de todos os clubes e na do partido, a influência teosófica e da Sociedade [Teosófica] é franca e aberta, porque a base e o princípio fundamental é o da fraternidade humana, tal como a ensina a Teosofia. Na sua Declaração de Princípios dizem: ‘O princípio da fraternidade é uma das verdades eternas que dirigem o progresso do mundo por caminhos que distinguem a natureza humana da natureza irracional’. O que é mais teosófico que isto? Mas não basta: é necessário

também imprimir nos homens a ideia de que se a origem da humanidade é *uma*, deve então haver igualmente uma verdade comum em todas as diferentes religiões...”. [2]

Na página 27 da mesma obra fica claro que a religião judaica, assim como a religião cristã e outras, contém a sabedoria universal. Referindo-se a Amônio Saccas, Blavatsky escreve:

“Podemos provar a origem de cada *religião*, assim como de cada seita, até a mais insignificante. Não são as últimas mais do que pequenas ramificações nascidas das maiores; mas umas e outras saem do mesmo tronco, a Religião da Sabedoria.”

“Provar isto foi o objetivo de Amônio, que tentou fazer com que cristãos e gentios, judeus e idólatras, abandonassem suas lutas e disputas para que pudessem perceber que todos estavam de posse da mesma verdade, oculta sob diferentes aspectos, e que todos provinham de uma única origem. O mesmo objetivo guia a Teosofia.” [3]

A sabedoria universal chega a cada povo e tradição cultural de maneira diferente.

Qualquer forma específica de ver a sabedoria eterna faz erros e acertos. Todos têm algo a ensinar e algo a aprender. O progresso não é obtido desprezando esta ou aquela tradição ou nacionalidade, nem acreditando na superioridade de algum povo.

A arrogância, a vontade de dominar, derrota tanto os países ingênuos como as pessoas desinformadas. A cooperação e o respeito mútuo são as chaves do progresso na caminhada para a sabedoria. O amor ao país em que vivemos e ao país em que nascemos é um alicerce sólido do sentimento de fraternidade universal.

NOTAS:

[1] “Daqui a Cem Anos - Revendo o Futuro”, de Edward Bellamy, Ed. Record, RJ, 1960, 204 páginas. Prefácio de Erich Fromm. Em inglês, “Looking Backward”.

[2] “A Chave da Teosofia”, de Helena Blavatsky, Ed. Planeta. Veja a página 61, na edição disponível em [nossos websites associados](#).

[3] “[A Chave da Teosofia](#)”. Veja a página 27.

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados.[1] Dia 03 de junho havia 2692 itens em nosso [acervo](#), dos quais 16 estavam em [francês](#), 1252 em [português](#), 1236 em [inglês](#) e 185 em [espanhol](#). Havia três textos em [italiano](#).

Os seguintes itens foram publicados entre os dias 06 de maio e 03 de junho de 2020:

(Títulos mais recentes acima)

1. **La Violencia** - *Enrique Pichon Rivière y Ana Pampliega de Quiroga*
2. **O Compromisso da Alma** - *Robert Crosbie*
3. **Thoughts Along the Road - 46** - *Carlos Cardoso Aveline*
4. **Si Ves Una Injusticia, No Culpes a la Víctima** - *Carlos Cardoso Aveline*
5. **Olhando Para as Fontes da Violência** - *Enrique Pichon Rivière e Ana Pampliega de Quiroga*

